

O ALGARVE ILLUSTRADO

JORNAL LITTERARIO

COLLABORADORES: — Ex.^{mos} Srs.: João de Deus, Henrique Moreira, dr. J. F. Guimarães, José M. Reis, Annes Baganha, Cordes de Avellar, Rocha Pinto, Salazar Moscoso, Casimiro Dantas, Martins Contreiras, Costa Bonança, Loryot Tavares, S. Coelho de Carvalho, Estacio da Veiga, Paes d'Ayê, Duarte de Almeida, Carlos Padua, Pedro Tello, Alfredo Cunha, dr. A. J. Gonçalves Guimarães, dr. Justino Comano, A. Cruz, Santos Fonseca, Joaquim Mascarenhas Netto, J. M. Leolle Quinlino, Macedo Ortigão, Joaquim Pires, Joaquim d'Araújo, Theophilo Braga, Gonçalves Crespo, Abilio Maia, Jayme de Seguíer, Carlos Boaventura, Jayme de Bivar Fausto de Azevedo, P. Roças, Paula Nogueira

PROPRIEDADE DE J. F. TAVARES BELLO

N.º 10	ASSIGNATURAS	Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez	CORRESPONDENCIA	1 ANNO
	80 réis cada numero, pagos no acto da entrega. Numero avulso 120 réis. Photographia em separado, meia chaqui 130, cartão de visita 80 réis.	Sexta-feira 15 de outubro de 1880	Toda a correspondencia deverá ser dirigida a J. F. Tavares Bello, Faro, rua de S. PEDRO n.º 12. Os originaes enviados, sejam ou não publicados, n.º se restituem.	

ALBUFEIRA

Lancemos os olhos sobre uma carta topographica da costa do Algarve. Fixemos a attenção ent e o cabo de Santa Maria, que outrora era conhecido com o nome de *Cuneum*, e o cabo do Carvoeiro, onde existe ainda a velha torre de vigia mourisca.

senha-se, sobre o azul do ceu, a negra par e do castello valetudinario.

Esti alli a ruga dos seculos.

O castello, conhecido pelos musulmanos com o nome de *Albuheira*, pertence a epocha muito remota. As investigações archeologicas não lhe determinaram a



VILLA DE ALBUFEIRA

Temos diante de nós, projectadas na carta, duas curvas sensivelmente desegitadas, ficando as concavidades voltadas para o oceano. Reparando no sitio em que as curvas se encontram, veremos o angulo substituido pela projecção de uma pequena bahia, limitada por dois cabos salientes, guarnecidos de baterias arruinadas.

Esta enseada desenhava uma curva aproximadamente circular. Destaca-se, para o observador que a examina do lado do mar, não com um contorno suave, mas como uma muralha aspera, cavernosa, alcantilada. O sitio onde as areias se alongam é o logar mais reconceavo da enseada. Ali debruça-se, em pittorescas rochas, a villa de Albufeira. Na parte culminante de-

berço. Tem uma physionomia que se presta á lenda, mas está velada pela noite do passado.

Era o *Batum* dos romanos? É uma hypothese. A historia tem nuvens, que não deixam contornar o horizon do archeologo. O logar de *Batum* é ainda um problema a resolver. Não resta dúvida que o castello fora occupado pelos godos, porque o affirmam as moedas encontradas em muitas excavações.

Deram-lhe o nome de Albufeira, provavelmente por causa da lingua de agna salina, que a banha ao nascente, formando uma pequena lagoa, que recebe tambem agnas doces de um ribeiro.

O que resta como reliquias de epocha anterior á nossa monarchia?

Apenas umas sombrias muralhas, em attitude de genuflexão, mutiladas em muitos sitios, entaladas entre as habitações urbanas, apodrecidas e esfarrapadas pela sanha dos elementos destruidores, cobertas com os andrajos de miseravel mendiga, cheias de ulceras de todo o genero, com os ossos quasi descarnados, torturadas pelo rheumatismo inexoravel que ataca a velhice dos colos-os de pedra, esmagando as casas com os seus largos encontros, debruçando-se sobre os edificios, deixando entrever a agonia das ruinas, gemendo e despedaçando-se com uma severidade que participa do passado, tendo a seus pés o atande, que, de dia para dia, lhe vae recebendo os restos putridos.

Quem quizesse folhear hoje o livro de pedra do castello, antes do seculo XI, depararia apenas com estas muralhas. Não obstante, para o observador das enfermidades sociais, que, como o sabio naturalista, construe o esqueleto com um fragmento da ossada, encontraria, nas paredes derrocadas, os elementos da primitiva necessidade de resistencia com todos os vestigios e symptomas da velha arte da guerra. Os gemidos da parede caduca fallam do passado.

O castello de Albufeira rendeu-se á monarchia portugueza em 1189, tempo em que reinava D. Sancho I. As phalanges patrias conquistaram-o pelos armas? Não. Foi um direito alcançado pelo terror dos valerosos portuguezes, já enriquecidos de feitos heroicos, vencedores da considerada inexpugnável Silves. *Albufeira* estremeceu profundamente. Entregou-se. O castello ajoelhou. Tinha diante de si o culto da nova monarchia.

Mas o pendão das quinas, arvorado sobre o castello por D. Sancho I, em quanto durou o terror foi de novo recolhido. Por quem? Pelo braço musulmano. Só em 1249 se submetten definitivamente Albufeira aos christãos. Reinava D. Affonso III. O velho castello do Alfaghar foi doado, no anno seguinte, á ordem de Aviz. Esta doação foi datada de Albufeira em fevereiro ou março, por D. Affonso III.

A ordem de Aviz, fundada em 1146 por varias nobres de Coimbra, organizada em 1162 por D. Affonso I, tendo nas suas fileiras os defensores de Evora e os cavalleiros victoriosos das guerras contra os infieis, proporcionou a Martins Fernandes, mestre da ordem, o prazer de receber em suas mãos a carta da doação regia do castello elevado á dignidade de villa. Esta carta, precioso documento que desapareceu do archivo municipal, talvez pelo vandalismo de 1833, foi renovada por D. Manuel em 1 de junho de 1504. Felizmente, esta ultima existe ainda archivada.

Digamos de passagem, que o zelo castelhano, namorado da gloria portugueza, lhe disputava os direitos. D'esta irreverencia procedeu a doação da villa, á mesma ordem, feita por Affonso X, alguns annos mais tarde, provavelmente no fim de 1257. Só em 1267, o rei castelhano desistiu abertamente dos seus suppostos direitos sobre o Algarve. Então a coroa portugueza gosou pacifica posse dos seus disputados dominios.

Esta doação á ordem de Aviz produziu um additamento architectonico. É o muro interior que deita para a rua da Misericordia.

Como unico vestigio antigo da realza patria merece analyse. É um muro simplicissimo. Tem pouca espessura e pequena elevação. Remata com a capella da Misericordia, modesto monumento gothico ainda conservado de pé. No muro, proximo á capella, foi construida uma porta. É baixa e estreita e termina em ligeira curvatura. Por cima d'esta porta existem as armas de Albufeira. As armas são formadas por um pequeno escudo de campo unido, tendo no centro um bufo em attitude de vôo, com a cabeça orgulhosamente levantada, e sobranceira ao escudo a cruz da ordem de Aviz. A heraldica delineava o vôo como hieroglyphico de vigilancia nas expedições militares. O escudo e a cruz são de dimensões eguaes. O todo é

comprehendido n'um rectangulo contornado por uma bordadura. O estylo manuelino parece haver dirigido o cinzel, que, delineou a bordadura, o que determina a epocha. É, portanto, provavel, que a construcção do muro e porta datem do reinado de D. Manuel.

Não é só n'esta acanhada porta, que existem as armas da villa. Achaem-se tambem sobre a entrada exterior da camara e no tecto da sala das sessões, onde foram retocadas em 1807. No estandarte municipal uma delicada bordadura mostra o bufo em castanho escuro e a cruz de Aviz em verde. O campo do pavilhão é de damasco vermelho. Apresenta-se manchado, em diferentes logares da parte superior, com nodos de sangue amarellecido pela acção do tempo. Na Torre do Tombo existem desenhadas uma armas d'esta villa, mostrando um escudo em campo prateado, no centro do qual se vê um bafalo.

Hoje a villa apresenta uma physionomia nova.

As casas de habitação não mostram ordinariamente as suas cans aos seculos. Succedem-se e transformam-se. A velhice pertence aos monumentos. A cathedral envelhece, e torna-se veneranda. A casa torna-se pardieiro. O espaço onde se eleva o sentimento da religião e o monumento onde se atesta a gloria da patria, legam ao marmore o direito de uma existencia longa. É justo que existam taes direitos. O capitolio deve contemplar a cidade que desaba ao incendio. O feto de permanecer alguma coisa de pé torna-se necessario. Por detraz de Guttemberg deve o archeologo encontrar o livro de pedra, para dar á historia a lição do passado. Mas a casa que presencinha os affectos da familia, que assiste á procreação, que embala os prazeres da infancia, que faz resplandecer a maternidade, que se inunda de todos os gosos castos da familia, para mais tarde assistir á agonia do moribundo, ao luto, á orphandade, á viuvez, pode transformar-se em ruinas, sem que os affectos, cobertos com o lençol da morte, estremeçam no seio dos tumulos.

A moderna Albufeira levantou-se das ruinas do terremoto de 1755. O profundo abalo amortallhou-a. Apenas ficaram algumas casas muito arruinadas. D'esta morte violenta participou o templo, no momento em que oravam os fieis. Ficou alli uma vasta sepultura. Baptista Lopes affirma que pereceram duzentas e vinte e sete pessoas na igreja. Tiveram como lugubre monumento uma pyramide irregular de calcareo, sobre a qual apenas podia ver-se o epitaphio anonymo do abysmo. Diz a tradicção que o mar sahio prodigiosamente, arremessando-se com furias crescentes, por vezes successivas, sobre as rochas da cascada. A colera da vaga é sempre acompanhada da febre do ignot. Por isso mesmo é terrivel.

Sobre o esqueleto architectonico edificou-se. A relva envergonhou-se de florir no lugar do sepulchro, que o sol inundava de ris-nha luz. A legenda da morte desapareceu. Foi decretado o esquecimento do luto pela lei natural que pede a vitalidade. Era desolador ver pousar as andorinhas, cansadas de longo vôo, sobre montões de ruinas. O que se fez foi colher-se no entulho algumas velhas cantarias, que ainda se veem dentro do castello, taes como portas em ogivas com ornamentações gothicas. Mas essas mesmas vão desaparecendo.

Depois de largos annos de paz, a villa constitucional, fitando sombriamente 1833, esperava a despotica metralha do partido legitimista.

Hoje ostenta orgulhosa a sua physionomia alegre e tranquilla.

Henrique Moreira.

ALÉM DA CAMPA...

Aqui, no immenso pelago de dor,
Que do meu triste peito o espaço alaga,
Levanta-se a saudade, vaga em vaga,
E vae da campá além minh'alma pôr!

E lá, por onde espiritos só passam,
Despidos da materia, que hoje é — nada, —
Minh'alma inconsolavel, macerada,
Abraça a duas almas que se abraçam.

Mas esse abraço immenso é sonho apenas!
Visão que se alimenta co' a saudade,
E que se esvae então se a realidade
Me mostra d'esta vida as tristes scenas!

Como é suprema a dor!!! E sinto-a eu
Ao despertar do sonho; e ver que o mundo
Volveu-se em abysmal vaeo, profundo,
P'ra quem d'amar os seus sempre viven!

Nascer?... P'ra que?... Ter alma é ter inferno!
Perdo-m'o Deus!.. Quem ama um pae 'xtremoso
Quem ama um seu irmão, e sente gôso
Em t'el'os n'um abraço vivo e terno,

E vê que a implacavel morte os leva,
Assim como se fossem tenras plantas
Que o vento arrebatasse..., e vê que as santas
E doces affeições, que o peito eleva

As vezes 'té ao grau d'immensidade,
Se rompem, despedaçam n'um momento,
Que deve, quando sente esse tormento,
Dizer?... senão: que a triste humanidade,

Que teve nos entes qu'idos n'esta vida,
Tem n'alma o desespero, o negro inferno
Ao vêr que entre aquella e o nada eterno
Abysma-se a esperança, flôr querida!

Se além da campa vae minh'alma triste
E lá crê descobrir os que estremece,
E sonho!... enlevo d'alma, que não 'squece
Quem n'este infeliz mundo não existe!

É sonho! E só verdade encontro então
(Verdade que soffoca e despedaça)
Olhando para o mundo, que não passa
De vasta sepultura!... d'illusão!...
Loulé.

Carlos Padua.

SUPPLICA

CANÇÃO

Mandae-me, estrellas tranquillias,
que 'nessa altura brilhaes,
a luz d'aquellas pupillas
que vós na terra banhaes.

Dos olhos puros, eternos,
dos fillos do meu amor
dae-me a vida, e os beijos ternos
d'aquelles labios em flor.

Tu, que passas, vento triste,
se lhe ouviste a doce voz,
ai! conta-me o que lhe ouviste,
mitiga-me est'ancia atroz!

Se passaste, e elles dormiam,
dá-me apenas um bafejo
dos labios que se estendiam
para mim 'num terno beijo!

Faro,—6—10—1880.

Annes Baganha.

NO ALBUM DA EX.^{ma} SR.^a D. VIRGINIA MONTEIRO.

Ao Val-formoso bem vinda,
flor linda, que em pleno abril,
sob este ceu que fulgura
luz pura de estrellas mil,
mostrar vens os teus encantos
que tantos são, flor gentil.

Faro—1880

J. F. G.

À MEMORIA DO GRANDE HISTORIADOR ALEXANDRE HECULANO

Era um genio! A fronte veneranda
Para a tumba pendeu;
Roubando á fria morte o esquecimento,
Ousado Prometheu!

Tombou, mas deixando sobre a terra
Rastro d'immensa luz!
Porque através da pedra do sepulchro
Seu nome inda reluz!

Amon a liberdade mais que a vida;
Por ella padeceu!
Na terra do exilio quantas lagrimas
Pela patria verteu!

Foi um heroe na indomita phalange
Do bravo Imperador!
Largou a penna para empunhar a espada;
Que heroico luctador!

Depois que vin firmada para sempre
A luz da liberdade,
Erguem as gerações que dormitavam
No pó da eternidade;

E fel-as resurgir, espectros vivos,
No tribunal da historia!
E deixou um padrão á patria amada
D'immorredora gloria!

Nós, que amamos tudo que se eleva
Nas azas do talento,
Devemos levantar ao morto-vivo
De bronze um monumento,

Para attestar ás gerações vindouras
A nossa gratidão!
Dobremos o joelho sobre o tumulo
Do grande cidadão!

A patria, eternizada pelo nome
Do grande historiador,
Quer que se erga um pedestal de gloria
Ao sabio luctador.

Pereira Roças.

NO ALBUM DA EX.^{ma} SR.^a
D. AMELIA VAZ MONTEIRO

Do sol poente a aurea luz desmaia...
a noite estende o magestoso ven.
Ligeira vem espreguiçar-se á praia
a onda altiva a espelhar o ceu.

Do rio as aguas que o luar prateia
correndo vão a murmurar além;
a doce brisa doudejando anceia
beijar a flor que mil perfumes tem.

Lá bem ao longe na espessura amena
que a treva veste de sombria cor
acorda os ecos da solidão serena
saudosa a ave a suspirar d'amor.

Por entre a relva que o estio abraza
o tenue arroio serpenteando vae.
O vento roça com a tremente aza
do ramo a folha que já murcha cae.

Ao acorde magico de-sa harmonia
que reina em tudo que é da mão de Deus,
se junta o acento, que nos enebria,
faccina e enleva, desses cantos tens!

Faro.

J. F. G.

O MATRIMONIO

Hoje que cegos legisladores secularisam á porfia a sagrada instituição do matrimonio, sem se recordarem que unicamente nos mysterios da religião estão os mysticos veus que cobreui o pudor da mulher, quando chega a solemne hora de entregar seu corpo, sua alma e seus destinos ao amor do homem; hoje, sobre tudo, que grande parte da imprensa allemã, por um erro imperdoavel, emprehende selvagem e furiosa guerra contra a mulher catholica, temos por feliz agouro que na nossa patria se hade publicar uma obra, de notavel importancia destinada a defender com empenho, valor, peregrina philosophia e com pausado dominio da historia, as eternas leis do matrimonio e da familia, subordinadas sempre ao culto e respeito santo da mulher. A these, que mão de mestre desenvolverá em tão precioso livro, será a seguinte: os povos não podem ser felizes não existindo a familia; a familia não pode existir se não se respeitar e venerar a mulher; a mulher jamais seria respeitada e venerada, se não se emprimirem as sacrosantas leis do matrimonio verdadeiro.

O volume deverá dividir-se em duas partes: a primeira, destinada a descobrir e esclarecer a lei natural do matrimonio, e a segunda, a sua historia.

Pertence ao jurisconsulto uma, a outra cabe ao historiador; ambas interessam em extremo o philosopho.

Na primeira agitam-se, por ordem successiva, cada um dos principios da lei natural que serve de base a esta instituição; e um apoz outro, resolver-se-hão admiravelmente os importantes e difficilimos problemas sociaes do matrimonio religioso, civil, dos impedimentos, da auctoridade marital, da indissolubilidade do vinculo, do divorcio e da monogamia.

Não me recorde de que jamais se hajam classificado tão verdadeira, exacta e propriamente os principios eternos da lei natural que rege a mais fundamental das instituições sociaes, nem que se haja dado maior novidade á materia.

São quasi tão novas, assim se pode dizer, as provas que adduzem em favor do matrimonio religioso, da theoria dos impedimentos, da dos argumentos com que demonstram a indissolubilidade do vinculo, como novas são todas as rasões severas e contundentes que condemnam o divorcio e determinam a influencia do principio da monogamia na formação do systema do tal e regimen da communidade de bens.

Porem, é inquestionavel que a parte mais bella de todo o livro será a segunda; porque alli, para confirmar os principios da lei natural na primeira secção do volume, irá o auctor reeocorrendo a vida de todos os povos, desde remotissimos seculos até nossos dias, e retratando em cada região e tempo, condição social da mulher. Assim effectuará, a seu turno, a his-

toria mais bella e fiel da instituição do matrimonio e a historia mais perfeita da humanidade.

Cheias de animação se offercem n'esse livro, a nossos olhos, as delirantes orgias que outrora despertaram as margens do Tigre e Euphrates e as planicies do Senaar; e com firme traço o vigoroso pinceel nos apresentará o culto impuro de Milita nos templos de Babylonia. Do Oriente, com seus torpes serrallhos, patenteará os vicios abominaveis da poligamia, a iniquidade do despotismo que encadeia aos povos envidados o monstruoso das teogonias orientaes, o panteismo aterrador de Brahma, o pavoroso Nirvana de Sakia-Muni. E em meio de tanto horror, em meio de tanta abjeção eleva-se com angusta magestade um povo, o povo de Israel, e miservando cuidadoso no santuario o inapreciavel thesouro de suas esperanças infinitas e agglomerando na arca sacratissima do templo de Jehová a idéa benéfica e salvadora da unidade de Deus, que desde o sangrento cume do Golgotha se hade estender pelo mundo e hade regenerar-o em quanto o justo crucificado lançar o seu angustiado gemido.

(Continua)

REVELAÇÃO

Contaram-me que tu, doce creança,
Que tens no vago olhar intelligente
Toda a alegria d'uma pomba mansa
Que vòs doceamente,

Leudo não sei que linhas que enlurára
— Pobres versos, simplissimos, banaes,
Onde puz toda a ingenuidade rara
Dos velhos madrigaes,

Balbuciando as syllabas a medo,
Disseste: — Quem me dêra a mim saber
O fio conductor d'este segredo,
Um nome de mulher!

E *alguem* disse do lado: — Isso poetas
São todos hoje em dia prosa. Deus,
Deixando neste mundo as Julietas,
Levou-lhes os Romeus.

E tu emudeceste de assustada
Como, vendo uma imensa nuvem negra,
Desmaia a canção limpida esmaltada
A doce tontinegra...

Não me contar um mais, nem me consome
A ansia de saber mais, porque enfim
Já conheço que sabes qual é o nome
Que eu trago dentro em mim.

Lisboa, 1879.

Joaquim de Araujo

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros a quem nos dirigimos, já por carta, já pelo expediente do numero anterior, rogamos a fineza de nos mandarem satisfazer com a possível brevidade os seus debitos.

